

Economia - Brasil

Os efeitos e... as causas

O ministro do Planejamento, sr. João Sayad, acaba de apresentar ao presidente da República um balanço econômico-social do ano de 1985. Os dados desse relatório alimentarão talvez o otimismo presidencial, que transparecerá nos próximos discursos do sr. José Sarney e, provavelmente, na Mensagem ao Congresso Nacional, prestação de contas que a Nova República quer honesta e acessível a todos. Embora tais dados sejam exatos, certamente darão margem a inúmeros enganos e a muitas frustrações...

Em geral, todos se deixam seduzir e impressionar pelos efeitos, pelos resultados, e negligenciam a investigação e a análise das causas. E contudo, para avaliar a fundo e objetivamente os efeitos, é mister conhecê-los as causas. São estas que nos permitem saber se os efeitos são realmente positivos e duráveis, e a orientação que se deve seguir para manter uma situação que nos parece saudável.

O discurso da Novíssima República tem um tom triunfal que nos assusta e envolve afirmações que merecem reparos. A primeira afirmação a merecer reparo é a de que este o primeiro ano em que o País retoma o processo de crescimento econômico. Supondo-se que se tenha alcançado, no exercício de 1985, a taxa de crescimento de 8% — que, em termos *per capita*, corresponderia a uma elevação de 5,4% (o valor mais alto desde 1976) —, não se deve todavia esquecer que, em 1984, após três anos de recessão, o País voltou a registrar taxa de crescimento *per capita* positiva. Os resultados de 1985 não conseguiram chegar sequer ao nível do PIB *per capita* de 1980, do qual ficam ainda 3,94% mais baixos.

Não trazemos à baila este dado com o intuito apenas de restabelecer a verdade histórica, mas para lembrar que parte dos êxitos obtidos em 1985 são meros resultados de medidas tomadas anteriormente. Na análise dos fenômenos econômicos não se pode esquecer que existe sempre defasagem entre as medidas que se tomam e as consequências que delas decorrem. Hoje, todos reconhecem, por exemplo, que o equilíbrio da balança comercial, do qual se vangloria o atual governo, é mera consequência do programa de substituição das

importações elaborado (de uma maneira que ainda se pode condenar...) pelo governo... Geisel!

É evidente que se registrou, em 1985, certa mudança no efeito indutor do crescimento econômico. Em 1984, o crescimento havia tido sua origem na exportação de produtos manufaturados (o aumento de 37,5% na exportação de produtos industrializados havia acarretado aumento de 7,7% na indústria de transformação). Cumpre reconhecer que esse indutor era sadio, pois não exercia efeito inflacionário decorrente da elevação artificial da demanda. A demanda externa havia provocado uma saudável ampliação da demanda interna.

Em 1985, como se sabe, a locomotiva da economia nacional foi o crescimento do mercado interno, crescimento devido, em parte, aos efeitos positivos do ano anterior, mas bastante estimulado pela elevação do salário médio real. Tomando-se por base os dez primeiros meses do ano, verifica-se, pelos dados da Fiesp, que o salário médio real subira 1,5% em 1984 e 15% em 1985. Não há dúvida de que essa elevação concorreu para aumentar muito a demanda, aumento esse que reduziu o desemprego e fez crescer consideravelmente a massa salarial. Não obstante, é certo que tão repentino impulso no poder aquisitivo surte efeito inflacionário: quando a produtividade não cresce na mesma proporção, ocorre aumento de custos, aumento que a capacidade ociosa, então existente, amorteceu temporariamente.

Outros fatores contribuíram, porém, para o crescimento econômico em 1985. Em primeiro lugar, cabe assinalar a grande oferta de produtos agrícolas, que permitiu refrear a alta de preços dos gêneros alimentícios. Fala-se muito no impacto dos preços agrícolas. Considerando-se os preços no atacado (oferta global), verifica-se que em 1985 os preços agrícolas subiram à taxa média mensal de 11,5% e os preços industriais à taxa de 10,2%, a diferença entre uns e outros não tendo sido tão grande. Ora, os dados de dezembro indicam um aumento de 12,1% nos preços industriais e de apenas 6,1% nos dos produtos agrícolas. Isso concorreu para fomentar a demanda, mas, se houve aumento da oferta, este se deve, principalmente, a São Pedro e, talvez, um

pouco, ao governo da Velha República. A demanda foi fomentada também pela contenção artificial dos preços industriais, decretada pelo antigo ministro da Fazenda, e pela contenção dos preços administrados. Ninguém poderia considerar sadia essa política, e o governo da Novíssima República, aliás, decidiu marchar em sentido contrário: os reajustes dos preços administrados ficarão acima da correção monetária.

Cabe certamente ao novo governo a responsabilidade, no tocante ao crescimento da demanda, de uma política monetária expansionista, que ensinou temporariamente grande liquidez que veio concorrer para reduzir as taxas de juros. Sem aperto de liquidez, a demanda manteve-se elevada, mas isso concorreu para aumentar a taxa de inflação. Não foi suficiente, entretanto, para estimular investimentos destinados a ampliar a oferta, os investimentos feitos tendo visado apenas à modernização das indústrias, à redução da mão-de-obra e ao aprimoramento qualitativo dos produtos. O que o presidente da República precisa saber é que não há crescimento real sem investimentos.

Quando se analisam as causas do crescimento econômico de 1985, percebe-se a fragilidade e a inconsistência dos resultados obtidos. O próprio sr. João Sayad, economista respeitável, o reconhece, pois adverte que, em 1986, diante de um choque de preços agrícolas, diante do risco de não se manter o mesmo superávit da balança comercial, não será possível sustentar reajustes reais dos salários igual ao de 1985.

Esperamos que tenha convencido disso o presidente José Sarney, pois os ministros que parecem ter a preferência deste, o sr. Dilson Funaro e, mais ainda, o sr. Almir Pazzianotto, têm afirmado ser possível assegurar aos salários, sem perigo, um crescimento real de 13%.

Recomendaríamos ao presidente da República que, antes de escrever sua Mensagem ao Congresso, solicitasse um relatório sobre as causas do crescimento em 1985. Infelizmente, o sr. José Sarney já não tem mais a seu lado um conselheiro independente para explicar-lhe que o efeito mais nítido do crescimento registrado em 1985 será a temível inflação de 1986...